

# Protesto é legítimo, diz CEO da COP

Segundo Ana Toni, manifestações compõem o ambiente democrático. Ontem, mundurukus reagiram a projetos do governo

» ROSANA HESSEL  
Enviada especial  
» RAFAELA BOMFIM\*  
» LETÍCIA CORRÊA\*

**Belém** — A diretora-executiva da Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas, Ana Toni, assegurou que as manifestações de grupos indígenas na 30ª Conferência do Clima das Nações Unidas (COP30) fazem parte do ambiente democrático e não comprometem as negociações. O protesto dos mundurukus do Baixo Tapajós, ontem, e de outras nações de povos originários, ao longo da semana, levaram ao reforço da segurança e provocaram uma comunicação formal da ONU, que solicitou esclarecimentos ao governo brasileiro sobre as medidas tomadas junto aos manifestantes.

Ana Toni fez questão de frisar, em coletiva, que “estamos ouvindo a voz deles e o Brasil, felizmente, tem uma democracia muito forte, na qual as pessoas podem protestar nas diferentes formas em que estão dialogando”. Ela observou que outras nações indígenas devem realizar protestos ao longo do evento.



Questionada também sobre a carta da ONU, ela desconversou afirmando que há “uma comunicação muito fluida de cartas indo e voltando com a ONU sobre questões e desafios”.

Os protestos dos indígenas provocaram danos pontuais na área externa e deixaram dois seguranças com ferimentos leves. Para Ana Toni, a presença das comunidades amazônicas no ambiente da COP reflete o caráter do encontro e a necessidade de incorporar as demandas dos nativos às discussões.

Por volta das 5h, cerca de 100 representantes da etnia munduruku realizaram um protesto pela revogação do Decreto 12.600/25 — que prevê a privatização de empreendimentos públicos federais do setor hidroviário, incluindo no Rio Tapajós — e contra a construção da Ferrogrão — ferrovia que ligará o Mato Grosso ao Pará, para escoamento de produção agrícola. Para os povos originários, ambos os empreendimentos impactarão o modo de vida dos indígenas e podem levar à especulação das terras dos nativos.

O impasse durou cerca de quatro horas. Os participantes da COP30 foram obrigados a entrar no pavilhão

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Marina, Corrêa do Lago e Sonia Guajajara ouvem reivindicações dos mundurukus depois do protesto

dos debates por uma porta lateral e a desocupação do acesso principal ocorreu depois de que Ana Toni, o presidente da Conferência do Clima, André Corrêa do Lago, e a ministra Marina Silva (Meio Ambiente e Mudança do Clima) negociaram a saída

dos mundurukus e garantiram que uma comitiva deles seria recebida.

O grupo reuniu-se com Corrêa do Lago, Marina e a ministra Sônia Guajajara (Povos Indígenas) num edifício anexo ao Tribunal de Justiça do Pará, que fica nas proximidades

da Zona Sul, a área oficial de negociações da COP30. “Trouxemos eles aqui para ter um diálogo com as duas ministras e comigo, e foi um diálogo muito construtivo, muito positivo. Realmente, eles têm preocupações muito fortes e muito

legítimas, e nos transmitiram dois documentos que recebemos formalmente e que vamos procurar levar adiante todas as preocupações que têm”, explicou Corrêa do Lago.

Ainda na COP30, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, afirmou que mais de 60% da população mundial vive hoje sob impacto das mudanças climáticas na saúde. Ele trouxe dados do relatório especial “Saúde e Mudanças Climáticas: Implementando o Plano de Ação em Saúde de Belém”, divulgado ontem.

Segundo Padilha, um em cada 12 hospitais no mundo estão sob o risco de terem atividades paralisadas por conta de mudanças climáticas. “Mais de 60% da população mundial vive hoje sob impacto das mudanças climáticas na saúde, seja em tragédias como vimos no Paraná, seja no aumento da temperatura média, no aumento das queimadas, ou de outras condições. Esses dados consolidam a ideia de que a crise climática é uma crise de saúde pública e que a saúde é a face mais doída e que sofre os efeitos da crise climática”, explicou Padilha.

**A jornalista viajou a convite da CNSeg**

\* Estagiárias sob a supervisão de Fabio Grecchi

## EXPLOSÃO EM SÃO PAULO

# Casa guardava fogos de artifício

A residência onde foi registrada a explosão seguida de incêndio na região do Tatuapé, na Zona Sudeste de São Paulo, era utilizada de forma ilegal como depósito de fogos de artifício. Na casa, a perícia encontrou um corpo masculino carbonizado, que a Polícia

Civil acredita ser de Adir de Oliveira Mariano, que tinha 46 anos. Ele era baloeiro e morava no local há 40 dias, mas ainda é considerado desaparecido.

Parentes foram ao Instituto Médico Legal (IML) para tentar fazer o reconhecimento do corpo, mas,

pelo estado de carbonização, deve ser identificado apenas por exame de DNA. “Ele tem passagem pela polícia no ano de 2011 e 2012 por soltar balões. Ele foi capturado (à época) pela Polícia Civil e estava respondendo processo. Em um deles foi absolvido”, afirmou o

delegado Filipe Soares, responsável pela investigação.

Dez pessoas ficaram feridas e o impacto da explosão afetou 21 imóveis das proximidades, que foram interditados pela Defesa Civil. A onda de choque chegou até mesmo a quebrar os vidros de uma lanchonete do McDonald’s instalada a mais de 100m de distância.

A explosão ocorreu por volta das 19h50 de quinta-feira,

derrubando estruturas metálicas e provocando danos em diversos veículos estacionados na região. Imagens que circularam nas redes sociais mostraram uma área pegando fogo e uma grande coluna de fumaça, nos arredores de prédios. Um vídeo feito por câmeras de monitoramento captaram o momento da forte explosão, com rajadas de fogos de artifícios cruzando a Avenida Salim Farah

Maluf e atingindo até mesmo carros que passavam no momento.

Dos feridos mais sérios, uma mulher com traumatismo cranioencefálico e um homem com escoriações foram internados no Hospital Nipo-Brasileiro, enquanto um homem apresentando sangramento pelos ouvidos foi levado a um posto de saúde no próprio bairro. Os demais tiveram ferimentos leves.



# HISTÓRIAS DE CONSCIÊNCIA

mulheres em movimento

Novembro é o mês da Consciência Negra: um período de reflexão, reconhecimento e celebração das contribuições das pessoas negras para a formação cultural, social e econômica do Brasil.

Em sintonia com a importância dessa data, o Correio Braziliense apresenta o evento **"Histórias de Consciência: mulheres em movimento"**, uma iniciativa que reúne informação, opinião e memória para valorizar o protagonismo de mulheres negras do Distrito Federal e de todo o país.

## 19 de novembro

a partir das 14h auditório do Correio Braziliense

Inscrições gratuitas!  
Acompanhe a discussão presencialmente.



Realização: **CORREIO BRAZILIENSE**

Produção: **CB Brands**  
ESTÚDIO DE CONTEÚDO